

## Caros leitores

### Estimados Consócios

Esta é uma edição especial do nosso Boletim porque:

- Comemoramos o primeiro aniversário da sua reedição. Com quatro números publicados julgamos ter conseguido plenamente o objectivo proposto. Isto é, dotar o ATENEU de um novo meio de comunicação com os senhores Associados e desta forma dar a conhecer a Instituição e divulgar a toda a comunidade as actividades realizadas;
- E também porque, neste número, celebramos o 137.º Aniversário do “nosso” ATENEU, que apesar de todas as vicissitudes continua a ser uma Instituição que se identifica com o Porto e o País, ao acolher, apoiar e promover, os mais diversos movimentos cívicos e iniciativas culturais, recreativas e desportivas, desempenhando um verdadeiro serviço público.

Infelizmente, e salvo honrosas excepções - pese embora todo o esforço dos Corpos Gerentes em promover e apoiar um maior número possível de actividades e a ter permanentemente abertas à comunidade em geral as nossas instalações - não temos tido, por parte das diversas Entidades Nacionais em geral e das Entidades Locais em particular, qualquer tipo de apoio que nos ajude a manter em funcionamento pleno esta centenária Instituição.

De tal forma que, para concretizar as obras de conservação no edifício-sede e honrar atempadamente os compromissos assumidos, foi necessário recorrer ao crédito bancário, já que o denominado programa “Porto com Pinta” apenas pagou cerca de 50%, correspondente às obras na fachada da Rua Passos Manuel.

No entanto, e como é do domínio público, o ATENEU COMERCIAL DO PORTO detém um valioso património artístico, nomeadamente de Faiança e Pintura. Da mesma forma, a Biblioteca possui um património bibliográfico valiosíssimo – o actual espólio supera os 40.000 títulos e 80.000 volumes -, de onde se destaca, entre outras tantas raridades, a primeira edição de “Os Lusíadas”. Todo este património, como se sabe, está ao serviço da comunidade, nomeadamente das diversas entidades que regularmente solicitam a sua cedência para exposições ou outros eventos. Mas sabendo-se que o ATENEU é uma Instituição de Utilidade Pública e que o seu património tem relevante interesse nacional, impõe-se perguntar se não é dever do Estado apoiar e participar na sua conservação e manutenção, bem como criar condições para que esse património possa ser usufruído pelo maior número possível de pessoas?

A nossa convicção é que não é só um dever, é também uma obrigação de todas as Entidades e dos seus representantes que tal aconteça; sendo também exigido aos Corpos Gerentes do ATENEU que tudo façam para dar a conhecer a realidade da Instituição e a trabalhar para a resolução das dificuldades.

Temos a consciência tranquila de tudo estar a ser feito para se conseguir esse desiderato. Não será, certamente, por falta de reuniões de trabalho com diversas entidades, nas quais procuramos sensibilizar para a urgência de alguns investimentos prementes. A título de exemplo, referimos a apresentação da candidatura junto da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-n), para a renovação de toda a instalação eléctrica e colocação de vídeo-vigilância no ATENEU, processo que já dura há aproximadamente quatro anos, com todas as alterações que a sua não aprovação em tempo oportuno vem exigindo.

Importa também dar a conhecer, aos leitores em geral e aos Senhores Associados em particular, que nos têm sido feitas várias promessas, muitas delas até publicamente - basta para isso consultar os jornais de

Agosto de 2005 - sem que até ao momento tenham sido cumpridas, pese embora todo o nosso esforço para que as pessoas e entidades envolvidas honrem os seus compromissos.

Devo confessar aos Senhores Associados que já por diversas vezes dei comigo a pensar em levar à Assembleia Geral uma proposta para eventual alteração da sede social do ATENEU, encarando a hipótese da sua mudança para outro local da Área Metropolitana, onde nos fosse facultada a possibilidade de valorização e conservação do património da Instituição e uma melhoria das condições para o incremento das actividades desenvolvidas.

Porque somos pessoas de bem, acreditamos nas pessoas que estão a desempenhar funções nas mais diversas Entidades envolvidas, e continuamos a ter esperança que a resolução de muitas das dificuldades possa vir a acontecer brevemente!

E, por isso, não baixaremos os braços e continuaremos a trabalhar para honrar o legado que recebemos e a engrandecer o nome do ATENEU COMERCIAL DO PORTO. Assim, brevemente levaremos à Assembleia-Geral uma proposta de alteração dos Estatutos tendo em vista criar condições para o aumento do número de associados e “modernizar” ou melhorar o funcionamento interno da Instituição.

Também a página do ATENEU na Internet, já com cerca de três mil visitas por mês, irá sofrer alterações significativas. Pretende-se, dessa forma, torná-la num fórum permanente de debate para os assuntos culturais e de interesse para a Área Metropolitana e o País, contando para isso com a coordenação do nosso associado Dr. António Rodrigues, a quem desde já agradeço toda a sua disponibilidade e empenhamento demonstrados para liderar este projecto.

Existem ainda outros projectos que pretendemos implementar, como o lançamento de um concurso para dotar o ATENEU com um restaurante de referência na cidade do Porto. A seu tempo daremos conhecimento aos Senhores Associados do desenrolar deste e doutros projectos.

É pois com muita fé e determinação que levaremos até ao final o mandato que os Senhores Associados nos confiaram.

E tudo faremos para que o ATENEU continue a ser **“Uma Instituição aberta a todos os cidadãos, dirigida à comunidade, e firme no seu propósito de se assumir como um verdadeiro serviço Público prestado à Cidade e ao País”**.

A todos os senhores associados que colaboraram com os seus textos para a presente edição, o meu obrigado.

**PARABÉNS ao ATENEU pelo seu 137.º Aniversário!**



HÉLDER FIRMINO RIBEIRO PEREIRA

# **MENSAGEM do Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Rio, a propósito do 137º Aniversário do Ateneu Comercial do Porto**

A cidade do Porto pode orgulhar-se de ter sido o berço de uma instituição cujo prestígio é reconhecido em todo o país. Resultado da vontade de indivíduos ligados ao comércio, - a principal actividade económica da cidade na altura, o Ateneu Comercial do Porto surge como uma associação essencialmente recreativa.

Ao longo dos anos, esta associação independente foi-se afirmando tendencialmente como um clube privado com intervenção em diversos domínios que passam não só pela instrução e cultura, mas também pelo recreio.

Instalado no coração da cidade, o Ateneu Comercial do Porto mantém vivas as memórias portuenses continuando a desempenhar um papel determinante na vida social e cultural da Invicta.

As iniciativas que têm sido levadas a cabo, nomeadamente, as tertúlias, a promoção da leitura com o lançamento de livros e a manutenção da sua riquíssima biblioteca, os concertos e os bailes, traduzem a dinâmica de uma instituição que apesar de centenária se mantém activa.

Aproveito esta oportunidade para felicitar os associados do Ateneu Comercial do Porto pelo seu 137º aniversário desejando que continue a afirmar-se como uma instituição independente e de prestígio para a cidade do Porto.



O Presidente da Câmara Municipal do Porto

A handwritten signature in black ink, which appears to be 'Rui Rio'.

Rui Rio

# UM LEGADO QUE NOS VINCULA

Todo o cidadão portuense devia orgulhar-se de instituições como o Ateneu Comercial do Porto. Com uma vida longínqua que mergulha as suas raízes no século XIX, percorreu todo o século XX e entrou de cara lavada no século XXI, o Ateneu aí está para continuar a desempenhar uma acção cultural de relevo que prestigia não só a cidade do Porto, como o país. Testemunha e muitas vezes participante, quer como instituição, quer através dos seus sócios, de acontecimentos históricos e culturais que marcaram a Região e a cidade, ou tiveram mesmo cunho nacional, o cidadão que entre as suas portas e penetre na sua atmosfera, não pode deixar de sentir um frémito de emoção e aquele respeito que se tributa a obras do espírito que, pela solidária continuação de gerações, ficam atestando formas de vivência colectiva que deixam rasto através dos tempos e incitam as gerações presentes a insuflar-lhes nova vida. Esse é como que um compromisso a que todos, sócios e não sócios, mas sobretudo os primeiros, se devem sentir obrigados, sob pena de traição aos sonhos mais valiosos dos que nos precederam e à nossa condição de cidadãos empenhados em levar por diante, enriquecendo-o, o legado que nos foi deixado, porque se trata de um legado que merece ser continuado.

Como todas as instituições e à semelhança da vida dos indivíduos, o Ateneu viveu e vive situações de crise, que têm a ver com a adaptação aos novos tempos. Hoje vivemos uma crise de paradigma a todos os níveis da vivência colectiva, que se projecta inevitavelmente em instituições como o Ateneu, nascido para outros hábitos, outros ritmos, outras rotinas e mesmo outras mentalidades. Porém, a centelha que se acendeu no espírito dos nossos antepassados e que encarnou na obra a que deram o nome de «Nova Euterpe» não a devemos deixar apagar, fazendo apelo à nossa capacidade de reinvenção, para não desmerecermos deles nem de nós mesmos. E esse tem sido o grande esforço de tantos que têm dado o seu contributo desinteressado (em termos pessoais, é claro), à vida do Ateneu.

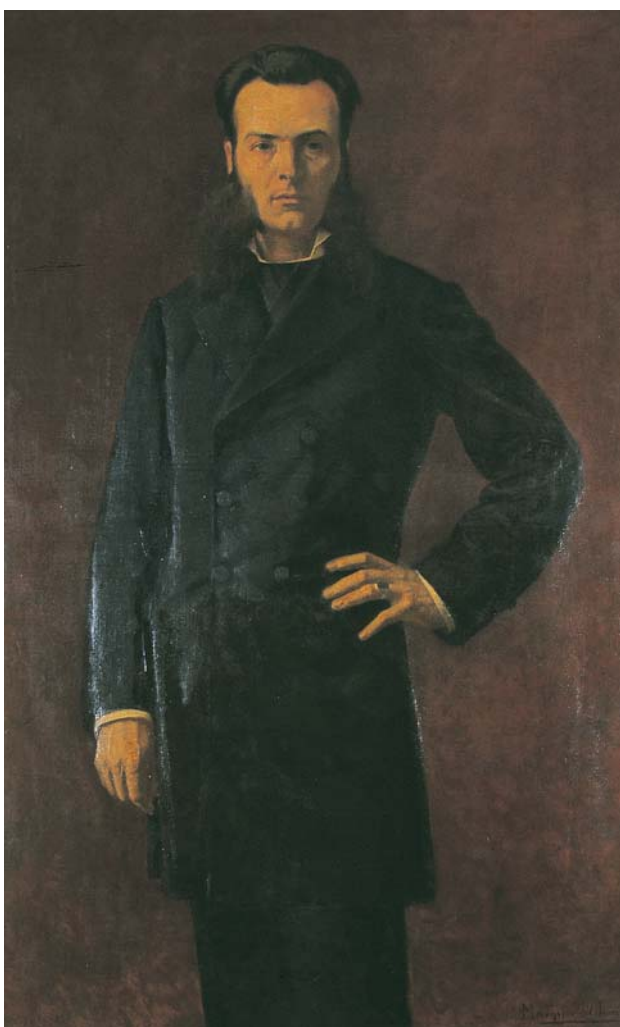


DR. ARTUR COSTA  
(Sócio do Ateneu)

# ANTÓNIO BERNARDINO ALVES COSTA

## Subsídios para a biografia do fundador do Ateneu Comercial do Porto

No ano em que se comemoram os 137 anos do Ateneu Comercial do Porto, parece-me da mais elementar obrigação lembrar um dos seus fundadores: António Bernardino Alves Costa a quem “*coube o maior quinhão na grande lueta de trabalho e esforços realizados pelos fundadores desta colectividade então chamada Sociedade Nova Euterpe*”.



Pintura de J. Marques de Oliveira, da Coleção Particular do Ateneu

Conforme se pode ler na Acta da Assembleia Geral, de 27 de Março de 1914 “*dentre a plêiade de devotados sócios fundadores do Ateneu Comercial do Porto destaca-se d’uma forma proeminente e d’uma maneira agigantada o nome de Alves Costa, que durante a sua existência consagrou ao Atheneu a melhor parte do seu carinho, a maior parcella do seu grande talento e a mais incomparável e inconfundível*

*tenacidade em serviços de tanta valia que d’elles resultaram a existência desta próspera e prestimosa agremiação*”.

Com efeito são muitos e relevantes os serviços prestados ao Ateneu por este benemérito: Presidente da primeira Direcção da Sociedade Nova Euterpe de 3.10.1869 a 28.9.1870 ocupou sempre a presidência da Direcção nas gerências de 1871 a 1879, com excepção do ano de 1874, de 1882 a 1885, em 1888, 1891 e 1894, além do seu *labor em diversas comissões como a dos estatutos, da biblioteca, do museu e em tantos outros serviços*.

Numa época em que a memória dos homens perdurava mais que nos dias de hoje, foram muitas e calorosas as manifestações de simpatia e gratidão que recebeu, quer em vida, quer após o seu falecimento.

Dentre essas homenagens salientam-se:

- o *Diploma de Presidente Honorário do Ateneu* atribuído em 1870;
- o imponente quadro a óleo da autoria de Marques de Oliveira, assinado e datado do ano de 1883, que se encontra na Sala de Sessões da Direcção, “*oferta de um grupo de admiradores e consócios que fizeram trasladar para a tela o seu retrato simpático e o ofertaram a esta sociedade*”;
- o *Prémio Alves Costa*, a atribuir anualmente na festa Xavier da Mota, instituído em 1914 com o produto de uma subscrição entre os sócios .

Passemos agora a descortinar um pouco da sua vida familiar da qual muito pouco se conhecia uma vez que nem sequer existe a sua ficha de inscrição como sócio do Ateneu. Foi, portanto, através da data do seu óbito que pacientemente se foi elaborando a sua genealogia baseada em documentos manuscritos (consultados nos Arquivos Distritais do Porto e Braga e Arquivo Histórico Municipal do Porto, em notícias dos Jornais “O Comércio do Porto” e “Jornal de Notícias” Março/Abril 1912 (consultados na Biblioteca Pública Municipal do Porto) e completado por elementos do acervo da Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto (Álbum de Memórias, Actas das reuniões da Direcção, Almanques do Porto, etc.).

# ANTÓNIO BERNARDINO ALVES COSTA

## Seus Pais e Avós

António Bernardino Alves Costa foi o nono filho de João Alves da Costa, empregado público, e de sua mulher D. Maria Joaquina dos Prazeres Alves Costa, regente de casa, moradores na Rua de Maximinos, actual Rua Paio Mendes, em Braga. Era portanto natural da freguesia de Santa Maria Maior - Sé de Braga, onde nasceu a 5 de Dezembro de 1845<sup>1</sup>.

Foi baptizado " a 14 do mesmo e ano na Sé de Braga com imposição dos Santos óleos por mim o Padre João Baptista da Cunha encarregado do regimem desta Igreja por Sua Ex.ª Reverendíssima. Padrinhos António Bernardino Pinto de Madureira, solteiro da Rua Nova desta freguesia e Gertrudes Maria de Magalhães solteira filha de José Joaquim Gomes da Costa, Notário Apostólico, da Rua da Oliveira da freguesia de S. Vítor desta cidade".

Era neto paterno de Rodrigo José da Costa e de D. Rosa Maria Ferreira, da freguesia de S. Lázaro, Braga e materno de Luís Manuel da Costa e Isabel Maria, da Rua do Carvalhal, freguesia de S. João do Souto, dessa mesma cidade.

## Irmãos

1. António, nascido a 27.11.1833. Foram seus padrinhos de baptismo António Gonçalves e sua mulher Isabel Lopes Ferraz sendo seu procurador Joaquim José da Cunha.

Deve ter falecido de tenra idade uma vez que em 1839 nasce outro irmão a quem é dado o seu nome.

2. Bernardo nascido a 25 de Março de 1835 e baptizado a 27 do mesmo mês pelo Padre António Teixeira Fernandes. Padrinhos Bernardo José de Araújo e Sá e sua mulher Rosa Maria, moradores no Campo da Vinha, freguesia de S. João do Souto e com procuração da madrinha assistiu Joaquim José da Cunha (?) morador na Rua Nova de Souza Pedeu certidão a 3.12.1857, tendo talvez casado nessa data ou ocorrido para algum lugar da Administração ou no Exército.

3. Maria Emília das Neves nascida a 5.8.1837 e baptizada a 13 do mesmo mês tendo a paraninfa - la Joaquim José da Cunha e Dona Maria Emília solteira, de S. Jerónimo de Real.

4. António Maria nascido a 6.1.1839 e baptizado a 13 do mesmo mês pelo Padre António Teixeira Fernandes. Foram seus padrinhos o Padre António Francisco Neto, natural da freguesia de N.ª Senhora da Assunção de Burçó da Comarca de Moncorvo e morador nas Granjinhas da Freguesia de S. José de S. Lázaro e Maria Ludovina Coelho solteira.

5. José nascido a 5.2.1840 e baptizado a 13 do mesmo mês pelo Padre António Teixeira Fernandes. Foram seus padrinhos José Pereira da Silva Braga, solteiro, morador no Ouvado, freguesia de S. João do Souto e Maria do Rosário solteira moradora na Rua Nova do Souza .

6. Maria José da Assunção nascida a 7 de Agosto de 1841 e baptizada a 15 do mesmo mês pelo Padre António Teixeira Fernandes. Padrinho José Pereira da Silva Braga, solteiro, morador no Ouvado, freguesia de S. João do Souto e madrinha Maria do Rosário solteira moradora na Rua Nova do Souza.. Pedeu certidão a 27 de Julho de 1868.

7. Cândida Maria do Ó nascida a 15.1.1843 e baptizada a 22.1.1843, sendo seus padrinhos José

Francisco Ribeiro Forte da Rua do Alcaide, freguesia de S. Tiago da Cidade e Nossa Senhora do Ó e lhe pôs a coroa o Abade José Joaquim da Cunha e Almeida Reitor de Serdedello e hoje residente na rua do Campo, Freguesia da Sé..

8. Joaquim Maria, nascido a 15.10.1844 e baptizado a 20 do mesmo mês. Padrinhos José Joaquim Gomes da Costa, Notário Apostólico e sua mulher Maria da Purificação da Rua de Santo André.

9. Delfina Júlia. Nascida a 7.10.1848 e baptizada a 15 do mesmo mês teve a como padrinhos António João de Magalhães Ribeiro e sua mulher Delfina Maria de S. João do Souto.

10. Júlia Maria nascida a 10 de Março de 1850 e baptizada a 17 do mesmo mês. Foram seus padrinhos o Reverendo Miguel Joaquim Lopes Fâmulo do Ex.mo Senhor Arcebispo e D. Maria Joaquina Silveira da Rua do Poço

## Casamento e descendência

António Bernardino Alves Costa, nascido no seio de uma família numerosa de uma ainda pequena cidade de província, cedo procura no Porto as oportunidades que aí escasseavam.

Conforme reza uma informação colocada ao lado do seu registo de baptismo, pediu certidão a 24 de Fevereiro de 1864 para o Porto o que pressupõe que terá vindo para esta cidade nessa data, tendo-se instalado na Rua das Congostas, 63. Aqui começou a sua vida profissional como caixeiro tendo-se tornado despachante oficial da Alfândega do Porto, actividade que exerceria com aprumo até ao final os seus dias. Creio que a esta mudança não terá sido alheio seu padrinho de casamento - José Pereira Fonseca Repolho, morador na Rua de S. Francisco, casado com D. Joana Pereira da Silva, empregado da alfândega.

Dotado de uma educação cuidada, influenciada por certo pela convivência bastante próxima de clérigos cultos da Sé Bracarense que apadrinharam alguns dos seus irmãos, estava determinado a conquistar um lugar relevante na sociedade do Liberalismo.

A 20 de Junho de 1868, com a idade de 22 anos, contrai matrimónio na Igreja de S. Nicolau, com D. Olinda Jerónima do Espírito Santo, da mesma idade, mulher de casa, e também residente na Rua das Congostas, filha de António Monteiro Lopes e de sua mulher, lavradores da freguesia de Barró, concelho de Resende.

Este enlace " com dispensa da publica forma dos documentos do nubente pelo Ex.mo Provisor e Juiz dos Casamentos desta diocese" foi celebrado pelo Padre Constantino Cláudio Coelho de Abreu que também lançou as benções nupciais aos noivos, tendo todos assinado o respectivo assento com excepção da nubente por não saber escrever.

Depois do seu casamento muda-se para a Rua de Santa Catarina, 452 e em 1874 para a rua Formosa, 327. Acompanhando a expansão da cidade do Porto, sabemos que entre 1878/ 1905 viveu na Rua Duque do Porto, 108 e, nos últimos anos da sua vida, na Rua Padre Alexandre, 47, na freguesia de Cedofeita.

Com efeito, vítima de hemorragia cerebral, este espírito altamente esclarecido ai se apagou no dia 19 de Março de 1912. Falecido, sem testamento, aos 66 anos de idade, foram-lhe prestadas as devidas homenagens na Igreja do Carmo, pelas 16 horas do dia 21, conforme convite feito a toda a cidade pelo então secretário da Direcção do Ateneu, Cristóvão da Gama.

Após um muito participado funeral dirigido pelos Srs. Armindo José da Silva e António José Rodrigues, e ao qual assistiram capitalistas, industriaes, médicos, officiaes do exército, comerciantes, etc., foi o féretro conduzido por uma berlinda tirada a duas parelhas - sendo depois sepultado no Cemitério de Agramonte, Secção 27, sepultura 2603.

## Do seu casamento com D. Olinda do Espírito Santo, nasceram, pelo menos, 5 filhos:

1. D. Olinda Berta Alves Costa, nascida às 5 horas da tarde do dia 18 de Abril de 1869. Foi baptizada na Igreja de S. Nicolau pelo mesmo padre que casara seus Pais. Foram seus padrinhos José Pereira da Fonseca Repolho casado empregado aduaneiro e sua mulher. Aos 43 nos de idade era solteira e habitava em casa de seus pais.

2. António Augusto Alves Costa, nascido cerca de 1873. Foi baptizado na Sé do Porto. Em Dezembro de 1899 era caixeiro, tendo sido nessa data proposto para sócio do Ateneu por seu Pai. Casou com D. Laura Alves Costa de quem teve, pelo menos, uma filha. Em 1912 era morador na Rua do Almada.

3. D. Amélia Alves Costa, nascida cerca de 1877, e baptizada na freguesia da Vitória, Porto. Aos 35 nos de idade era solteira e habitava em casa de seus pais.



DRA. ISA BARBOSA  
(Vice-Presidente da Direcção)

4. Alberto Alves Costa nascido acerca de 1879, em Santo Ildefonso. Aos 21 anos era empregado comercial e habitava com seus pais. Nessa época, a 15.1.1900 é aceite como sócio do ateneu por proposta de Domingos Alves Machado. Aos 33 anos era solteiro.

5. Henrique Alves Costa, nascido a 1882, Santo Ildefonso, Porto.

Aos 18 anos, época em que é proposto para sócio do Ateneu por Joaquim Monteiro de Andrade, exerce a profissão de caixeiro e em 1912 já se encontra casado com D. Tereza ( Fernandes ?) de quem teve geração.

Ciente das graves dificuldades porque atravessa esta veneranda instituição, fruto das circunstâncias adversas dos nossos dias a que não é alheia uma falta de visão cultural dos entidades responsáveis que não respeitam a herança de Homens que a edificaram, procurou-se não só homenagear a pessoa de António Bernardino Alves Costa mas estimular outros que consagrem os seus esforços ao contínuo progresso do nosso Ateneu, que bem o merece.

<sup>1</sup> Arquivo Distrital de Braga – Livro de Registo Paroquial de Baptismos, da Freguesia da Sé de Braga, n.º 11, cota n.º 337, pág.7 v.

# A MINHA RUA

JORGE FIEL  
(jornalista e Sócio do Ateneu)



A minha rua não era exactamente uma rua, mas antes uma avenida, a Rodrigues de Freitas, assim chamada em homenagem ao primeiro deputado republicano eleito no nosso país – pelo círculo do Porto, que no século XIX era a guarda avançada do país progressista e moderno.

Se não contarmos com os dias em que habitei no Largo da Maternidade Júlio Dinis, atravessei a infância e parte essencial da adolescência no 304 da avenida Rodrigues de Freitas, em frente à Garagem Galiza e à Casa de Espanha.

Estávamos na Primavera de 1972 e eu ainda não tinha feito 16 anos quando uma estranha ocorrência obrigou toda a minha família a abandonamos a nossa casa a meio da noite, refugiando-se no apartamento da Pasteleira dos meus tios Abílio e Maria Luísa. Os trabalhos de demolição no prédio que fazia paredes-meias com o nosso não deveriam estar a ser dirigidas com grande competência, pelo que ele desabou com estrondo por volta das três da manhã.

Como sempre tive o sono pesado, não ouvi nada e acordei com bombeiros a entrarem pelo meu quarto a gritar que o prédio tinha de ser evacuado imediatamente, pois ameaçava desmoronar-se. Ou seja, tinha de sair e depressa. Tomei logo ali duas decisões importantes: salvar uma caixa de chocolates (à época, era guloso) e deixar lá ficar o dicionário de Latim, ganhando assim um boa desculpa para não fazer

o exercício de Latim, agendado para esse dia de manhã. Reconheço que a desculpa tinha o seu quê de inverosímil. A professora de Latim chamou-me mentiroso, descompôs-me à frente da turma, dizendo que as minhas desculpas estavam cada vez mais estrambólicas - e obrigou-me a fazer o ponto, partilhando um dicionário com um colega. No dia seguinte, depois de ter visto uma fotografia do prédio ao alto da primeira página do JN, pediu-me desculpa mas também me deu um pequeno sermão, baseado na história de Pedro e do lobo.

Encerrando o assunto, devo dizer que o 304 da avenida Rodrigues de Freitas aguentou firme e que, 34 anos volvidos sobre a noite em causa, ainda está lá no seu sítio. Nós é que - pelo sim pelo não - não voltamos. A emigração da minha família para a zona Ocidental tornou-se definitiva.

Sempre gostei moderadamente da avenida Rodrigues de Freitas. Não tem a elegância aristocrática da Marechal Gomes da Costa, nem transpira a riqueza da Marechal Saldanha, mas é uma avenida que se pode apresentar como endereço sem passar por nenhuma vergonha.

É certo que o facto de desaguar num cemitério - baptizado com o adequadíssimo nome de Prado do Repouso - não a enobrece, mas em Nova Iorque a Wall Street dá para uma igreja com cemitério e não lhe caíram os parentes na lama por causa disso.

A vizinhança com a sede da Pide-DGS era claramente uma desvantagem, mas para sermos precisos, a tenebrosa instalação - de onde fugiu, a meio de uma noite chuvosa de Inverno, o líder da Luar, Palma Inácio – ficava na rua do Heroísmo e não na avenida Rodrigues de Freitas.

O Jardim de S. Lázaro, com o seu coreto, ali mesmo ao lado da minha casa, era um local agradável, onde eu

gostaria de ter aprendido a andar de bicicleta, o que teria acontecido se não fosse a teimosia da minha mãe, que se recusou a comprar-me uma. Sempre que eu lhe falava no assunto, ela vinha-me com a história do meu pai que numa infeliz brincadeira com bicicletas tinha espetado, com profundidade, uma lança das grades do jardim numa perna.

Em frente ao jardim, ficava o Colégio Nossa Senhora da Esperança, que no meu imaginário era frequentado apenas por raparigas muito giras. Já me esqueci da cor das batas delas, mas ainda hoje lamento nunca ter namorado com nenhuma miúda do Esperança.

Um pouco mais adiante está a Biblioteca Municipal, onde passei memoráveis dias. Na altura, as férias grandes eram mesmo grandes e – com excepção, do mês de Agosto em que a minha família tinha uma barraca alugada na praia do Molhe - eu passava os dias a devorar as aventuras do Ene 3, major Alvega, Garra de Aço, Texas Jack, Cisco Kid e do Agente Secreto X9, em volumes encadernados a couro do Falcão, Condor e Mundo de Aventuras.

Do outro lado da rua, fica o Café S. Lázaro, um dos santuários dos estudantes de Belas Artes, onde frequentei, com o Rui Reininho, o Joel e a Tina, a mesa do Jorge Lima Barreto, que tinha já então um livro sobre jazz publicado.

A minha vida não se esgotava nos passeios da avenida. O meu raio de acção regular estendia-se pelas vizinhas praças da Batalha e dos Poveiros, pelas ruas de Santa Catarina, Passos Manuel e 31 de Janeiro. E também pela Travessa do Poço das Patas, onde o meu pai era visita assídua do café Bico Doce.

Em Passos Manuel, havia dois clássicos – para além do Ateneu, que à época não frequentava. O café Clássico, onde ao sábado à noite tomei muitas «vitaminas» (chocolate quente em chávena de café) com o meu amigo e

# CONTAS INDIVIDUAIS DE REFORMA

vizinho João Couto, discutindo sobre as canções que ouvíamos no Em Órbita ou no Página Um, enquanto fazíamos horas para tentar sintonizar a Rádio Argel, com o hino nacional a abrir e a voz grossa de Manuel Alegre a anunciar: «Esta é a voz da liberdade!». E a Casa das Tortas, onde aos domingos eu e o meu pai, Alfredo, comíamos uns magníficos pasteis de Chaves aquecidos, no intervalo entre os jogos dos juniores (de manhã, no campo de treinos das Antas) e o dos seniores.

A Praça dos Poveiros tinha como grande atracção a Confeitaria Costa Moreira, no entretanto desaparecida, famosa pelas fabulosas bolachas Moreirinhas.

O Batalha, que acolhia as sessões de fim de semana do Cine Clube do Porto, era, com sua espectacular fachada, desenhada por Artur Andrade, a placa giratória entre os dois espaços de uma praça – um, dominado pelo Teatro S. João, a messe de oficiais e a estátua de D. Pedro, o outro, onde pontificava a escadaria e os azulejos da fachada a Igreja de Santo Ildefonso, onde fiz a comunhão, ajudei (por uma vez só) à missa e joguei futebol.

A Batalha, essa praça esquisita, que nem o génio de Fernando Távora conseguiu endireitar por completo, era a porta de acesso às discotecas de 3 de Janeiro, onde ia ouvir os mais recentes EP e LP, ou às lojas de Santa Catarina, a movimentada rua que tem no Majestic o principal dos seus ícones – e onde ficava a Redacção do Norte Desportivo, o primeiro jornal onde escrevi. Mas isso já é outra história...

O sistema de protecção social Português, conhecido por todos nós como a Segurança Social, está no topo da actualidade. Estão em preparação alterações significativas, das quais se têm destacado a contagem da carreira contributiva completa e a introdução de um factor de correcção do valor das pensões, conhecido como o “factor de sustentabilidade”.

O equilíbrio financeiro do sistema de segurança social implica uma correspondência entre os montantes arrecadados com descontos de quem trabalha e os montantes dispendidos com pagamentos de reformas. Ora o que se tem verificado, outras variáveis à parte, é que a vida pós-reforma tem aumentado significativamente (em média 1 ano por década) “esticando” o período de pagamentos do sistema, ao passo que o período de trabalho não tem aumentado. Tem até sido encurtado, em média, pela entrada tardia no mercado de trabalho e pelos ciclos de desemprego.

O factor de sustentabilidade vai repercutir no valor mensal de cada reforma os efeitos da extensão do período de vida pós-reforma.

Acompanhando esta medida o Governo anunciou uma tripla opção para os beneficiários da Segurança Social: (1) sofrer os efeitos do factor de sustentabilidade (nada fazendo); (2) prolongar a sua vida de trabalho (equilibra o período de contribuição com o período de pensionamento) ou, (3) aumentar os descontos ao longo da vida activa de modo a que o período de contribuição tenha mais valor do que o período de pensionamento.

Para a terceira opção o Governo introduz uma grande novidade: os descontos adicionais, que são opcionais, serão registados numa conta individual, nominativa, serão investidos através de um Fundo e, chegada a idade de reforma, serão transformados numa prestação vitalícia que acresce à reforma normal.

Nesta nova modalidade, em vez da nossa reforma depender dos descontos dos outros, passa a depender dos nossos descontos.

Este novo instrumento traz três grandes vantagens para o beneficiário: primeiro, permite-lhe colher o rendimento do crescimento económico de outros países beneficiando sempre que ele seja superior ao dos salários em Portugal. Segundo, a conta individual é nominativa passando o beneficiário a saber regularmente qual o montante acumulado em seu nome e a respectiva rentabilidade; terceiro, em vez da gestão individual dos investimentos, o investimento colectivo através de um Fundo proporciona fortes economias de escala reduzindo substancialmente os custos da sua gestão, resultando em maiores rentabilidades líquidas.

A solução ainda não está totalmente definida. Importa ainda conhecer todos os seus contornos tais como qual o mecanismo de adesão e de entrega dos descontos, o meio de acesso à informação, o perfil de risco dos investimentos do Fundo, o tratamento fiscal dos descontos e dos rendimentos do Fundo, as possibilidades de resgate do dinheiro descontado, etc.

Numa altura em que a poupança dos Portugueses está a níveis historicamente baixos, esta solução surge como um claro incentivo ao aforro, mas afirma-se, sobretudo, como um instrumento de diversificação do financiamento da pensão de cada um e de transparência dos direitos individuais de reforma.



DR. HENRIQUE CRUZ

Vice-Presidente do Instituto de Gestão de Fundos de Capitalização da Segurança Social (Sócio do Ateneu)

# UM PELICANO VIRADO À ESQUERDA ENTRE AS RARIDADES LITERÁRIAS DO ATENEU

## Exemplar de *Os Lusíadas*, com quase 500 anos de história, vale cerca de um milhão de euros

A obra portuguesa mais procurada e requisitada por historiadores e investigadores - o original de *Os Lusíadas*, do poeta Luíz de Camões - foi retirada do círculo de leitura da Biblioteca do Ateneu e só em casos muito excepcionais é que pode chegar às mãos dos especialistas. Avaliada em cerca



de um milhão de euros, a edição está segurada e guardada em cofre próprio.

Com Pelicano virado à esquerda, característica que a define como edição única e primeira, a obra de Luíz de Camões foi adquirida pelo Ateneu em 1904 por 170 réis. Para a compra desta raridade foi fulcral a oferta do associado Manuel Francisco da Costa que, na altura, concedeu a quantia de 100 réis para a efectivação da compra.

Publicado no ano de 1572, na casa do impressor lisboeta António Gonçalves, *Os Lusíadas* foram de tal forma bem aceites entre a realeza lusa que a obra recebeu, inclusivé, Alvará real:

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que eu hei por bem e me praz dar licença a Luiz de Camões para que possa fazer imprimir, nesta cidade de Lisboa, uma obra em oitava rima chamada *Os Lusíadas*, que contém dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declaram os principaes feitos dos portuguezes nas partes da India depois que se descobriu a navegação para ellas por mandado de el-rei D. Manuel, meu visavô, que santa gloria haja, e isto com privilegio para que em tempo de dez annos, que se começarão do dia que se a dita obra acabar de imprimir em deante, se não possa imprimir nem vender em meus reinos e senhorios nem trazer a elles de fóra, nem levar ás ditas partes da India para se vender sem licença do dito Luiz de Camões ou da pessoa que para isso seu poder tiver, sob pena de quem o contrario fizer pagar cincoenta cruzados e perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade para o dito Luiz de Camões, e a outra metade para quem os accusar. E antes de se a dita obra vender lhe será posto o preço na rmeza do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declará e porá impresso na primeira folha da dita obra para ser a todos







notorio, e antes de se imprimir será vista e examinada na meza do conselho geral do santo officio da Inquisição, para com sua licença se haver de imprimir, e se o dito Luiz de Camões tiver accrescentados mais alguns cantos, tambem se imprimirão havendo para isso licença do santo officio, como acima é dito. E este meu alvará se imprimirá outrosim no principio da dita obra, o qual hei por bem que valha e tenha força e vigor, como se fosse carta feita em meu nome, por mim assignada, e passada por minha Chancellaria, sem embargo da ordenação do segundo livro, titulo XX, que diz que as cousas cujo effeito houver de durar mais que um anno, passem por cartas, e passando por alvarás não valham. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a 24 dias do mez de setembro de MDLXXI.» (1571).

Um poema épico, fortemente ligado ao Renascimento português, que galvanizava os feitos lusitanos, por entre deuses e amores. E que, por isso mesmo, necessitava do visto obrigatório da Santa Inquisição para ser editado:

**«Vi por mandado da santa e geral Inquisição estes dez cantos dos Lusíadas de Luiz de Camões, dos valorosos feitos em armas que os portuguezes fizeram em Asia, e Europa, e não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria á fé e bons costumes, sómente me pareceu que era necessario advertir os leitores que o autor para encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos portuguezes na India, usa de uma ficção dos deuses dos gentios. E ainda que Santo Agostinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compoz de Ordine ás musas deusas. Todavia como isto é poesia, e fingimento, e o autor como poeta não pretenda mais que ornar o estylo poetico, não tivemos por inconveniente ir esta fabula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demonios. E por isso**

**me pareceu o livro digno de se imprimir, e o autor mostra nelle muito engenho, e muita erudição nas sciencias humanas. Em fé do qual assignei aqui. Frei Bartholomeu Ferreira.»**

Quase 500 anos depois, a primeira edição de Os Lusíadas - cujo original (Ee ou Pelicano virado à esquerda) é detido pelo Ateneu Comercial do Porto - continua a ser alvo da mais antiga e acesa polémica, desde que no século XVII o comentador camoniano Manuel de Faria e Sousa deu a conhecer uma descoberta surpreendente, no seu livro "Os Lusíadas Comentados". Nessa obra, Manuel de Faria revelava que no frontispício da edição de alguns exemplares de Os Lusíadas figurava a imagem de um pelicano virado para o lado esquerdo e, noutros, para o lado direito. Facto que gerou, desde então, uma discussão sobre a existência de duas edições da obra no ano de 1572. Isto é, a partir dos comentários do autor, passou-se a aceitar a existência de duas edições, sendo que uma estava identificada por A (Pelicano voltado para a esquerda) e a outra por B (Pelicano voltado para a direita) ou, então, por Ee e E. Ou seja, quando no penúltimo verso da primeira estância surgir a frase "E entre gente remota edificarão...", a edição será conhecida por "Ee". Se, porém, a frase se iniciar por "Entre gente remota edificarão...", será conhecida apenas por "E".

O investigador David Jackson, contudo, refutou a sugestão



de Faria e Sousa e defendeu que essas alterações entretanto verificadas correspondiam não a duas edições, mas a várias impressões da mesma edição.

O certo é que, actualmente, se admite que a edição Princeps, a original, é aquela que apresenta o Pelicano voltado para a esquerda, uma "Ee", cuja impressão terá sido acompanhada pelo próprio Luíz de Camões. E que ainda hoje se mantém nas mãos do Ateneu Comercial do Porto.

# ATENEU PREPARA REFORÇO NA INTERNET

Como instituição de referência no Porto, o Ateneu Comercial realiza um conjunto alargado de iniciativas. E como instituição activa mantém uma relação estreita com a sociedade. A importância do Ateneu será sempre medida pelo seu grau de envolvimento com o maior número possível de pessoas.

A ideia de que o Ateneu pode ser mais forte se alargar a sua presença pública é a base de uma proposta para iniciar um processo de envolvimento centrado em novas formas de comunicação. O objectivo é simples: ganhar espaço público e servir melhor.

Para isso o actual sítio de Internet do Ateneu está a ser profundamente repensado e a ser desenhada uma nova ponte com a actualidade social e cultural da cidade, do país e do mundo, no âmbito da filosofia dos estatutos da instituição. Nesse sentido prevê-se a possibilidade de contribuição de jornalistas e especialistas de várias áreas.

A novidade é que este portal de Internet está a cargo de dois profissionais da área da comunicação: António Mota Rodrigues, gestor de comunicação, assume a direcção técnica do projecto e Filinto Melo, jornalista e editor, assume a direcção editorial do projecto com a tarefa de criar um novo estilo de presença do Ateneu Comercial do Porto.

A orientação editorial proposta vem trazer às pessoas a possibilidade de conhecerem melhor o Ateneu e os seus sócios, bem como a inclusão de artigos no portal que anteriormente não podiam ser publicados em Boletim por limitações óbvias de espaço. Os critérios editoriais incluem ideias como as seguintes:

- A criação de uma revista diária de notícias sobre o Porto e sobre o objecto do Ateneu Comercial do Porto;
- A criação e gestão de um fórum de debate onde será exercida uma das primeiras máximas do Ateneu, conversar; neste fórum participam, numa primeira fase, apenas sócios do Ateneu que se integrassem no grupo de conversação e depois será alargado a quem quiser participar, registando-se no portal;
- Eventual digest da informação mais importante para os sócios do Ateneu (a debater), a ser colocada no site diariamente;
- Criar uma secção de perfil de sócios;
- Aproveitamento dos arquivos para se dar a conhecer os famosos antigos sócios do Ateneu, numa outra secção.

A nível técnico, o portal será equipado com um novo sistema de gestão de comunicação. Este sistema, ao contrário do que seria vulgar, é desenvolvido e actualizado diariamente a par dos conteúdos, mantendo o portal tecnologicamente em dia, criando e apurando possibilidades tais como fóruns e comentários, secções de anúncios classificados, canais de notícias, subscrição de programas áudio podcast, newsletter digitais, gestão de listas de contactos, difusão de conteúdos por correio electrónico, gestão de formulários, inscrições on-line para participação em iniciativas, loja virtual com pagamentos on-line e gestão automatizada de subscritores.

Tendo o actual sítio de Internet do Ateneu realizado os objectivos para que tinha sido criado, esperamos poder avaliar, a seu tempo, esta nova experiência.



[www.ateneucomercialporto.pt](http://www.ateneucomercialporto.pt)

# ROMANCE DO PASSEIO ALEGRE

Pequenas coisas frívolas, o calor do ninho,  
e sempre dois traços na retina, o cabedelo de oiro;  
a outra banda verde...

Raul Brandão, *Memórias I*



HÉLDER PACHECO  
Foto cedida por José Carmo - "JN"

É este murmúrio do vento. É esta brisa do crepúsculo agitando os nossos cabelos. É este ar da maresia, leve e perfumado, que nos inebria. É este regresso ao banco, junto do Coreto, para reencontrar, para entender o sentido dos vultos do jardim: crianças brincando, o velho falando sozinho, os pares de namorados. O primeiro beijo... As lágrimas na face da mulher que ali vai, correndo, agitando os braços em despedida, para o eléctrico que se afasta na direcção da Cantareira. É este caminhar, contornando o lago das estalagmites de cimento – a que chamam a fonte luminosa – sentindo a frescura suave da chuva do repuxo. É este olhar baço do homem sentado nas escadas do chafariz de S. Francisco, com ornatos de pedra. É esta boca mascarada de **baton** da rapariga magra que atravessa para a Rua das Motas (frágil, indefesa, ou, apenas esfomeada de atenções). É este contentamento inexprimível de viver algo parecido com a ressurreição, no florir de todas as árvores, no rebentar de todas as plantas. É esta doçura. Esta sensação imponderável. Este calor ténue que nos afogueia o rosto.

É este reflexo de bronze da menina da foca, no lago grande da Alameda. (Passam anos e não envelhece. Não desaparece. Não se apaga na distância como os sonhos que deixamos pelo caminho. Como os amigos do grupo do **Chalet**, aos sábados à tarde. Quando o **Chalet** era um espaço – não mais do que isso – de aspirações, projectos e desejos. Um espaço de segredos sussurrados ao ouvido. De seduções pairando na fundura do peito onde se esconde a recordação dos tempos sem relógio a apressar-nos, das noites dos secretos desejos, dos amigos mortos...)

É este arvoredado espesso, impenetrável, das solidões que a cidade produz. Densas, iluminadas, quando anoitece, pelas luzes dos candeeiros oitocentistas (lavrados em ferro), coadas pela folhagem. E então o jardim transforma-se em bosque guardando segredos do correr das horas. Das horas cobertas de musgo, marcadas no granito, como se tivéssemos a eternidade pela frente para reconstituir estas imagens que julgávamos perdidas.

É esta espera, esta ansiedade, este alvoroço que se renova e nos renova a esperança do reencontro (até quando?) com o murmúrio do vento, a brisa, a maresia, o ar diferente e leve. Contigo. O crepúsculo. O caminhar no contorno do lago. Os reflexos do mar. As sombras dos Obeliscos. A outra-banda verde (de que falava Raul Brandão) para lá do Cabedelo...

É esta sensação, discreta e breve, do teu olhar cheio de ternura...

# O PORTO E OS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM (APONTAMENTOS)

LUCÍLIA ABREU  
(Sócio do Ateneu)



*Brasil onde vivi, Brasil onde penei,  
Brasil dos meus assombros de menino:  
Há quanto tempo já que te deixei,  
Cais do lado de lá do meu destino!  
(...)  
Ah, desterro do rosto em cada face,  
Tristeza dum regaço partido!  
Antes o desespero naufragasse  
Entre o chão encontrado e o chão perdido.  
(in Diário XI)*

*“Em qualquer aventura o que importa é partir, não é chegar.”*

Seria este o pensamento do emigrante que, deixando o seu torrão natal, amarrado ao mastro da esperança, procurava além-Atlântico, nesse país de uma vastidão incomensurável, rasgar os horizontes acanhados, impostos pelo nascimento e onde a sorte podia sorrir? As notícias do lado de lá traziam a promessa de novidade e melhoria de vida. Traziam também um pulsar de desencanto, a suspeita dos protestos que se perdem sem eco, a certeza da incomodidade de densas, quentes e húmidas florestas tropicais onde o ouro e as pedras preciosas brilhavam mais que o suor disfarçado?

O certo é que o Brasil corporizou o sonho do Eldorado que fascinou centenas de milhares de portugueses, embora muitos, depois de terem mourejado anos e anos em terras que deixaram ensopadas de lágrimas, voltassem sem grande melhoria, “a rilhar a mesma boroa desesperançada”. Esses apagaram-se na poeira do anonimato; só os bem sucedidos ficaram na História. O certo é que esse fascínio – tal como as lágrimas e o insucesso – ficou registado nas páginas da nossa literatura. Lembrese o espanto posto por Ferreira de Castro nos olhos surpreendidos do camponês Manuel da Bouça, ao desembarcar no Rio de Janeiro:

*“ Manuel da Bouça contemplava com admiração os altos edifícios da grande artéria, as importantes fachadas de muitos deles, os torreões que alguns lançavam para o céu e aquela profusão de tabuletas comerciais, de bandeiras, de objectos expostos, rebrilhando nas vitrinas e deslumbrando os seus olhos de camponês.”*

Mal podemos hoje visualizar as condições em que esses portugueses decidiam deixar a terra natal. Dificuldades de decisão, preparativos de viagem, travessia do Atlântico, quantas sombras agigantadas na incerteza da aventura!

Bem expressivas das dúvidas e angústias que envolviam a decisão de partir, são as cartas votivas dirigidas ao Senhor de Matosinhos, que se encontram aqui bem perto, à guarda da Misericórdia desta cidade e que denotam uma crença e simplicidade enternecedoras.

O percurso migratório que marcou Portugal por cerca de um século (1840-1950) foi uma afirmação de coragem colectiva e foi especialmente expressivo no noroeste da Península: edificação de casas, palacetes (inseridos em espaços arborizados, quatro frentes, lagos, fontes, azulejos, estátuas), praças, ruas, igrejas e capelas, hospitais, asilos, escolas, edificações essas muitas vezes ostentando uma pujança de decoração condizente com o estatuto de burguês apetecido daqueles para quem o trabalho e a sorte tinham marcado uma conjuntura feliz.

Alguns desses *brasileiros*, com um grau de alfabetização considerável, jovens de famílias com posses e “trabalhados” já pelo contacto com outros horizontes, assumiram notoriedade dada na Banca, nos Seguros, na Hotelaria, investimentos altamente lucrativos. Outros, mais humildes, empregavam-se como caixeiros, carpinteiros, sapateiros, numa diversidade de profissões que visavam especialmente o comércio e a indústria (de notar que

grande parte dos “veleiros” que navegavam entre a Baía e Portugal eram propriedade de portugueses).

Nesse comércio com o Brasil, assumiu particular relevo a importação de açúcar. Já nos finais do século XVI, as taxas desse produto representavam 25% a 30% dos rendimentos da Alfândega do Porto, vindo a tornar-se florescente no início do século XIX. Nessas relações comerciais, eram igualmente importantes o pau-brasil, outras madeiras, o tabaco, os couros, o café, o algodão e a borracha.

As “marcas” deixadas no nosso País pelo trabalho e perseverança desses brasileiros de antanho, estão largamente documentadas, pelo que, na dimensão deste “Apontamento”, apenas pretendo lembrar, em breves pinceladas, quanto muita dessa dinâmica investidora beneficiou a cidade do Porto.

Retomando o espírito das “Misericórdias” fundadas por D. Leonor no longínquo ano de 1490, as “Misericórdias” portuguesas – irmanadas com as brasileiras – tornaram-se uma das faces mais visíveis da assistência social, hospitalar e social.

A *Misericórdia do Porto*, nascida e alimentada pela filantropia de homens como Manuel Pinto da Fonseca e outros, sempre dispôs, até mais que a Irmandade lisboeta, de apoios particulares consideráveis. A par da “Misericórdia”, surgiram outras Confrarias e Associações de Beneficência: as *Irmandades e Ordens Terceiras* que têm ainda hoje uma visibilidade por todos nós amplamente conhecida.

Que levaria esses *brasileiros* a impulsos tão generosos? Associada a preocupações com os seus conterrâneos menos favorecidos, interessante notar que, até ao século XVIII, a contrapartida desejada pelo doador não ia além de actos piedosos, especialmente missas, para salvação das suas almas. Porém, a partir do século XIX, os benfeitores, sem prescindirem desses actos piedosos, acrescentaram-lhes novas formas de visibilidade social que representavam, ao mesmo tempo, a perpetuação da sua memória: estabelecimentos de assistência com nome do doador (*Hospital de Alienados Conde Ferreira, Estabelecimento Hospitalar Barão de Nova Sintra, Instituto de Surdos-Mudos José Rodrigues de Araújo*, entre tantos outros), *Galeria de Retratos de benfeitores das “Misericórdias” e “Ordens Terceiras”*, aquisição de títulos nobiliárquicos e comendas das Ordens Militares. Registarei apenas o exemplo de Joaquim Ferreira dos Santos, considerado o maior benemérito da Misericórdia do Porto, nascido numa humilde família de Campanhã que veio a auferir os títulos de “barão”, “visconde” e “conde”.

Uma referência especial para a Venerável Irmandade de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Lapa pela originalidade da sua génese: o seu fundador – Padre Ângelo de Siqueira – nasceu em S. Paulo, em cuja Sé foi Cónego, veio para Portugal, percorreu o nosso País como pregador e missionário e regressa ao Brasil, onde veio a falecer. É de registar ainda que, para a construção das duas torres da Igreja da Lapa, foi lançada uma subscrição no Império brasileiro. Queremos melhor exemplo para confirmar a forte cooperação entre Portugal e o Brasil, prolongada mesmo para lá da independência da Colónia sul-americana?

Outro aspecto da assistência fomentada por estes *brasileiros*, que tem o seu quê de inesperado e que hoje nos parece um tanto despiciendo é o facto de muitos deles terem deixado verbas das suas fortunas aos *Jornais* diários por eles fundados, para que fossem distribuídos pelos seus pobres. Estão neste caso “O Comércio do Porto”, “O Primeiro de Janeiro” ou o “Jornal de Notícias”.

Louvável preocupação dos nossos conterrâneos que muito mourejaram em terras para lá da imensidão do Atlântico, foi também a “Instrução”.

Numa época em que não existiam normas que definissem o que era ou devia ser uma escola, a acção de Joaquim Ferreira dos Santos foi uma pedrada no charco. Ele é o primeiro benemérito a equacionar o problema da instrução a nível nacional e a confrontar o Poder com a ausência absoluta duma política de educação, suscitando uma reacção da parte do Estado.

Além da Escola Conde Ferreira, em Lordelo do Ouro e muito satisfatoriamente apetrechada para a época, outras foram criadas, onde funcionavam cursos de aprendizagem de artes tradicionais, como: encadernação, marcenaria, alfaiataria, etc. esta acção educativa, visando dotar os jovens de meios para se sustentarem através de uma forma de educação profissional, representa um

grande avanço relativamente ao carácter filantrópico mais antigo, tipo caritativo de protecção à infância desvalida.

Falando de Escolas, no contexto deste “Apontamento”, cabe uma referência especial ao *Colégio da Irmandade da Lapa* que se tornou famoso por ter contado, entre os seus alunos, com figuras como Eça de Queirós ou Ramalho Ortigão. Aconteceu mesmo que, depois da independência da nossa Colónia brasileira, o Colégio foi frequentado por muitos estudantes dessa nacionalidade. Numa “troca de culturas”, é curioso que se encontre mesmo registada uma decisão da Irmandade de mandar alguns jovens, filhos de Irmãos educados no Colégio, para o Brasil. Neste caso, é a própria Irmandade a fomentar a emigração.

De entre os negócios de comércio e indústria que marcaram a fisionomia da “Invicta Cidade” cabem apenas três ou quatro referências especiais: o botequim *A Brasileira*, a *Fábrica de Louças de Miragaia*, a *Chapelaria a Vapor Costa Braga & Filhos*, a *Fábrica Confiança do Porto*. A abertura de “*A Brasileira*” ficou a dever-se ao farmacêutico Adriano Teles que, em Minas Gerais, se dedicava à cultura do café. Embora sem o brilho de outros tempos em que cada aniversário era comemorado com brindes e festejos, ali se manteve, na Rua Sá da Bandeira, testemunho de um tempo de fervor político e cultural, local de encontro de jornalistas e intelectuais.

A “*Fábrica de Louças de Miragaia*”, fundada por João da Rocha e localizada na Rua da Esperança, veio a laborar durante mais de 70 anos.

A “*Chapelaria*” acima citada, teve uma loja comercial na Rua de Santo António e a “*Fábrica Confiança*” foi fundada por um emigrante da Baía. Veio a empregar mil mulheres, depois de ter começado com uma máquina e quatro costureiras!

Lembro-me, na minha meninice, de contemplar esse grande edifício da Rua de Santa Catarina e, ao entrar, os meus olhos extasiados, depararem com uma diversidade de produtos em que mal podia acreditar. (quão longe estávamos ainda das “grandes superfícies”!). o recanto do “Chá das 5” era muito apelativo e frequentado por distintas senhoras da sociedade portuense.

Testemunho indiscutível desta dinâmica investida no sector económico foi a fundação do *Palácio de Cristal* que viria a tornar-se um dos “ex-libris” da cidade do Porto, no final da década de oitocentos.

Lucros rápidos e vultosos viriam a revelar-se no sector da Banca. O *Banco Comercial do Porto*, o *Mercantil Portuense*, o *Banco União*, o *Banco Português do Atlântico*, o *Banco Aliança*, todos eles estiveram ligados a alguns dos mais conhecidos *brasileiros* de sucesso.

E porque toda a história é feita de êxitos, risos, fracassos e lágrimas, também a história dos nossos *brasileiros de torna viagem* assim foi. No entanto, todos eles ficariam inscritos na categoria daqueles a quem Miguel Torga chamava de “povoados”, ou seja: a negação de desertos humanos para os quais não importa lutar nem sentir em cheio o apelo de cada dia.

# AGENDA

## MÚSICA

### Concertos Internacionais do Ateneu/ 2006

#### Dia 26 de Outubro

Afonso Fesh (violino)

Evgueny Nefedov (piano)

#### Dia 9 de Novembro

Evgeny Starodoubtsec (piano)

Estes concertos realizam-se sempre a partir das 21.30 horas, no nosso Salão Nobre, e a entrada é livre.

## FESTA DA BIBLIOTECA

### Dia 12 de Dezembro

## LANÇAMENTO DE LIVROS

#### Dia 4 de Novembro

17 horas (Salão Nobre)

Promovido pelo Núcleo de Genealogia e Heráldica do Ateneu Comercial do Porto, será feito o lançamento do livro "Ribeiros- Morgados de Torrados e da Torre de Idães-Varonia de 8 séculos" de autoria do Professor M. Antonino Fernandes, a quem será prestada uma homenagem pelos suas bodas de ouro de investigador incansável e de genealogista. Segue-se um jantar para o qual estão abertas inscrições na Secretaria.

## EXPOSIÇÕES

### Outubro/ Novembro

Exposição de Arte inter-membros da Ordem dos Economistas

Local: Sala de Exposições

Promovida pela Direcção Regional Norte da Ordem dos Economistas

## ACTIVIDADE LÚDICA

### Visita a Ponte de Lima

#### Dia 23 de Setembro

Preço para Sócios: € 40,00

Preço para Não Sócios: € 50,00

#### Inclui:

Transporte em Auto-Pullman  
Visita guiada a Ponte de Lima pelo Sr. Cônsul José Pires da Silva  
Almoço no Solar de Calheiros

#### Ementa:

Aperitivos  
Creme de Legumes  
Bifinhos estufados à minhota  
Mousse de chocolate  
Fruta Laminada  
Café e Vinho do Porto  
Vinhos: Vinho Verde e Vinho Dão

Partida do Ateneu Comercial do Porto

9.30 horas

Chegada ao Ateneu Comercial do Porto

#### 19.30 horas

Em ambos os casos, as inscrições devem ser efectuadas junto dos **Serviços de Secretaria**, em horas normais de expediente, através dos telefones **22 3395410/7** ou e-mail: **geral@ateneucomercialporto.pt**

## BAILE DE FIM d'ANO 2006/07

### No Salão Nobre do Ateneu

Início às 22.00 horas

#### Música ao Vivo

Preço para Sócios: **55 Ateneus**

Preço para Não Sócios: **65 Ateneus**

Lotação limitada



## OS ÚLTIMOS TRÊS MESES EM REVISTA

### Música

#### Concertos Internacionais do Ateneu/ 2006

#### Dia 4 de Maio

Vlad Dimulescu (piano)

De referir que, durante a estadia deste conceituado pianista romeno, o Ateneu levou a efeito uma **MASTERCLASS** de Piano nos dias **5, 6 e 7 de Junho**, com um Concerto

final pelos melhores alunos no final da tarde do próprio dia 7.

#### Dia 8 de Junho

Radu Ungureanu (violino)

#### Dia 22 de Junho

Daniel Filipe Cunha (piano)

## Outros Recitais e Concertos

#### Dia 7 de Maio

ECAP – Encontro de Coros da Academia do Porto

#### Dia 22 de Maio

Organização da Associação Cultural "Euterpe" Recital de Canto

#### Dia 1 de Junho

Conservatório de Música do Porto Orquestra de Cordas com Piano Sob a Direcção do Maestro KAMEM GOLEMINOV

#### Dia 1 de Julho

Organização do Centro de Estudos Musicais Encerramento do Ano Lectivo

#### Dia 7 de Julho

Organização da Associação Cultural "Euterpe" Concerto do Final do Ano Lectivo

## Exposições

#### De 25 Junho a 2 de Julho

Organização do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco BPI  
Exposição de trabalhos criados pelos associados do GDCEBBPI, que frequentam cursos de formação artística

## Debates

#### Dia 3 de Maio

Organização do Ateneu Comercial do Porto e Associação Jurídica do Porto

Tema:

"Soluções legislativas e funcionais para uma Indústria Musical em Portugal"

Com as presenças de:

**Dr. Adolfo Luxúria Canibal** (Jurista e músico); **Artur Ribeiro** (Director da Associação Portuguesa de Lojistas de Audiovisual); **Dr. Eduardo Simões** (Jurista e Director da Associação Fonográfica Portuguesa); **Isidro Lisboa** (Radialista); **Dr. Miguel Guedes** (Jurista e músico) e Maestro **Pedro Osório** (Director da Sociedade Portuguesa de Autores).

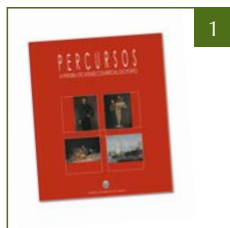
O debate foi moderado por **Ricardo Salazar**, Advogado.

## Lançamento de Livros

#### Dia 22 de Junho

"Na Outra Margem do Tempo" de Vasco Paiva

# PRODUTOS



1

## Percurso > A Pintura Do Ateneu Comercial do Porto

*Catálogo > Inventário*

Capa dura com sobrecapa

Com 204 páginas e 236 ilustrações

Sobre o património pictórico do Ateneu

Preço € 30,00



6

## Vinho Ateneu

Engarrafado por Bago de Touriga

Vinhos, Lda.

Santa Marta de Penaguião

Tinto de 2003

13% vol.

Garrafa de 75 cl.

Preço 1 grf. € 6,00 6 grfs. € 33,00



2

## Álbum de Memórias Do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)

*Documento*

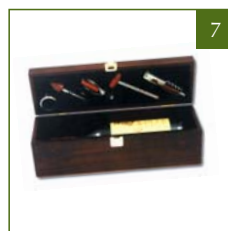
Capa dura com sobrecapa couché mate de 160 gr. e

interior em papel couché mate de 160 gr.

Com 336 páginas e 324 ilustrações

A História do Ateneu ao longo dos seus primeiros 125 anos de existência

Preço € 50,00



7

## Brindes

Conjunto de bar em caixa de madeira de luxo para garrafa

5 peças em metal e madeira

365x 115x 111 mm

Preço € 50,00



3

## Faiança Portuguesa Do Ateneu Comercial do Porto

*Catálogo > Inventário*

Em edição bilingue (Português e Inglês)

Capa dura com sobrecapa couché mate de 160 gr. e

interior em papel couché mate de 160 gr.

Com 192 páginas e 165 ilustrações

Sobre a Colecção de Faiança do Ateneu

Preço € 10,00



8

## Brindes

Jogo de cartas e póker com caixa em madeira

90x 100x 27 mm

Preço € 5,00



4

## Medalha Comemorativa dos 125 Anos

Do Ateneu Comercial do Porto

Módulo > 100 x 80 mm (trapezoidal)

Metal > Latão

Preço € 7,50



9

## Brindes

Estação de secretária dispõe de calculadora,

relógio com várias horas mundiais, alarme,

data e calendário

duas pilhas LR-44 incluídas

Aberta: 86x 106x 80 mm

Preço € 15,00



5

## Medalha Evocativa da Memória de João Araújo Correia

Módulo > 80 mm (redonda)

Metal > Latão com banho em prata

Preço € 10,00



10

## Brindes

Prata > Estojo com esferográfica e roller

em caixa forrada a veludo e fecho com íman

Caixa: 180x 70x 25 mm

Preço € 15,00

## CARO CONSÓCIO

Só com a sua colaboração podemos tornar o Ateneu Comercial do Porto ainda maior. Proponha mais um Associado. Para tal, basta que nos envie, devidamente preenchida, esta **PROPOSTA DE ADESÃO**



# ATENEU

COMERCIAL DO PORTO

REGISTO ANUAL N.º .....

Proponho para sócio o Exmo(a). Sr.(a) .....

Profissão .....

Empresa .....

Com sede em ..... Telef. ....

Ramo de Actividade .....

Data do Nascimento .....

Bilhete de Identidade n.º ..... do Arq.º ....., de ..... / ..... / .....

Filiação .....

Estado ..... Cônjuge .....

Residência ..... Telef. ....

Cobrança por conta bancária

Banco .....

NIB .....

Quais as colectividades de que faz ou fez parte .....

Porto, ..... de ..... de 200 .....

O Proponente

Sócio n.º .....

Assinatura do Proposto,

Aprovado em sessão de Direcção

de ..... de ..... de 200 .....

O Secretário,

Sócio n.º .....

Anexo 2 fotos tipo passe